



**Precisamos de mais  
que um plano de saúde.  
Merecemos um  
projeto de vida!**

**Investir na saúde do empregado e de sua família  
é dar segurança e dignidade a quem dedica  
uma vida de trabalho à instituição!**

[www.aeba.org.br](http://www.aeba.org.br)  [aeba\\_associacao](https://www.instagram.com/aeba_associacao)  [aeba@aeba.org.br](mailto:aeba@aeba.org.br)  Aeba Associação  (91) 99292-7071

## SAÚDE DOS EMPREGADOS DO BANCO DA AMAZÔNIA: A RETIRADA DO PATROCÍNIO

A retirada do patrocínio do Banco da Amazônia à CASF representou um duro golpe nos trabalhadores. Mas, à época, não houve reação alguma. Isso se deve ao modo como a retirada de patrocínio foi realizada e as condições financeiras da CASF e dos empregados do Banco na ocasião.

Com a retirada do patrocínio a CASF passou a ter outra personalidade jurídica, outro CNPJ, um novo estatuto foi elaborado, a rigor, o que ainda está em vigor. Além disso, nesse processo, o Banco criou o programa "saúde Amazônia" que também está em vigor.

Como a CASF não seria mais patrocinada, seria necessário constituir uma diretoria que, a partir daquele momento, seria eleita entre os participantes. A referida diretoria seria ocupada, como é até hoje, por aposentados, uma vez que os ativos não recebem liberação para a diretoria da CASF e, com isso, constituiu-se mais um espaço de poder.

Devemos lembrar que, em 1996, a geração de empregados que entrou no Banco após 1997 não estava na casa. O último concurso

tinha ocorrido em 1985/1986 (o concurso que admitiu o quadro de apoio). Além disso, o Banco tinha acabado de passar por uma mudança no PCS, em 1994. Esse dado tem várias implicações. Primeiro que os empregados estavam em níveis elevados do plano de carreira e isso tem uma implicação no nível de remuneração; outra implicação é que não estava colocado o problema da "não entrada dos novos na CASF" e, por fim, que a situação demográfica estava equilibrada, pois, até aquele momento, todas as gerações de empregados eram da CASF. **A retirada do patrocínio seria um problema no longo prazo e não imediatamente.** Um problema atuarial.

Talvez por isso as entidades não se colocaram de imediato contra a medida e, de certa forma, permitiram que ela fosse efetivada.

Outra questão relevante foi a criação do "Saúde Amazônia". Naquele momento o programa era equilibrado, havia mais de três faixas, o princípio de reembolso maior para quem ganha menos funcionava, o valor do reembolso era suficiente e, o mais importante, **o aumento do reembolso era indexado ao**

**aumento da CASF**, isto significa dizer que mesmo não patrocinado, o Banco continuava preso à dinâmica da CASF, que as necessidades de caixa da CASF repercutiriam sobre o Banco e que o Banco também arcaria com recursos caso fosse necessário.

A desindexação do reajuste do reembolso pelo reajuste da CASF ocorreu em 2012, durante a diretoria do presidente Abdias, em que o atual SUPER de Rondônia era o diretor de Recursos (ele inclusive que fez o anúncio na reunião das entidades) informando que, a partir daquele momento, o reajuste do reembolso seria dado pela ANS e não pelo reajuste da CASF. Ao longo dos últimos vinte anos, principalmente na presidência já citada, o programa saúde Amazônia foi desnaturado, desmontado, deformado para ser o que é hoje.

Infelizmente não temos como proteger o programa de reembolso, uma vez que ele está, exclusivamente, na alçada da diretoria do Banco, ele não é produto de um acordo bilateral e estável.

No próximo Boletim, vamos discutir o programa saúde Amazônia.

**#SAÚDE É UMA QUESTÃO DE DIGNIDADE!**